

BUSCANDO O PONTO ÚLTIMO

Retiro Fechado no Cebb Caminho do Meio
20 de julho de 2009

Introdução

(audio 1m00)

Esse roteiro é uma forma de pularmos por cima do Prajnaparamita. Estamos usando um método circular e, portanto, não nos preocupamos em marchar. Passamos uma vez pelo roteiro e daqui a pouco passamos de novo detalhadamente e com mais facilidade para compreendermos tudo o que diz respeito à vacuidade. Pulamos o Prajnaparamita para em seguida compreendê-lo mais facilmente.

(Audio 4m15)

E qual seria o teor desse ensinamento? Um clímax que é um anticlímax. Nós vamos fazendo um treinamento como uma espécie de musculação. Pensamos estar ficando aptos para atingir alguma coisa que ninguém atingiria. Mas o fato é que o ponto último já está presente, por isso um anticlímax. Pensamos, então: para quê tanto esforço se aquilo já estava lá? Esse aspecto é muito importante! Pois se imaginarmos que o ponto último é como uma paisagem, alguma coisa que acessamos e depois podemos perder, então isso não seria o ponto último. Como podemos acessar e depois, perder? Se fosse assim isso não seria o ponto último. Ou ainda, podemos pensar que é um estado de mente em que chegamos e permanecemos ali, e uma vez nele, não poderíamos perdê-lo. Mas como isso ainda é um estado de mente, também é um problema, porque se entramos num estado, só podemos usar a mente daquele modo, não podemos usá-la de outra forma. Dá uma sensação de que ficaremos, de alguma forma, encaixotados. Portanto, isso também não é. A melhor forma de explicar isso é através da Mandala Absoluta. Dentro da Mandala podemos nos movimentar, mas não perdemos alguma coisa que estava lá. É isso que eu explicarei: o que não perdemos. Então, a primeira parte do ensinamento é sobre isso, sobre a **Mandala Última**.

A segunda parte diz respeito à **Mandala do Lótus**. Na Mandala do Lótus nós não só manifestaremos essa condição de liberação, como precisaremos trazer benefício aos seres. Da mandala de Kuntuzangpo, que é a Mandala Primordial, brota a mandala da compaixão para benefício dos seres. Essa é uma sub-mandala. A forma tibetana de manifestar isso é assim: Kuntuzangpo emana os cinco Diani Budas. Dentre os cinco Diani Budas, um deles é Amitaba. Amitaba emana Cherenzig e também Guru Rinpoche. Da língua de Amitaba emana um raio de luz azul em direção ao lago Danakosha e do topo de um lótus surge Guru Rinpoche, como uma emanção. É importante entender esse aspecto da emanção, em que algo mais amplo emana algo mais particular. Guru Rinpoche é emanado como Nirmanakaya para ajudar no mundo. Precisamos ver como é a mandala de Guru Rinpoche, a Mandala do Lótus.

Na sequência, temos o tema da **Ação**. Os dois primeiros itens do roteiro - Mandala Última e Mandala do Lótus - dizem respeito à visão e à meditação.

O item três diz respeito à ação - como entendermos a ação no mundo a partir da mente da Mandala do Lótus. Visão, meditação e ação são os três aspectos de Atiyoga. Meditação é samapati. Portanto, temos Visão, Samapati e Ação. Poderíamos pensar que nos refugiaríamos numa condição sem ação, serenos. Mas há ação. Como, então, ela se exerce? É isso que vamos compreender.

O próximo é o item quatro: controle de qualidade, **Moralidade**. É um resumo para podermos ver se estamos indo bem ou não. É a descrição da moralidade nessa perspectiva.

O item cinco é um complemento que será posteriormente estendido. Mas por enquanto ele será introduzido da seguinte forma: aqui nessa sala, por exemplo, olhamos ao redor e porque vemos as coisas dizemos, batendo no peito: "eu estou aqui", "eu sou esse". Surge assim, o **observador**, a sensação de estarmos aqui, de sermos isso. Precisamos entender que esse observador também é vajra, precisamos compreender como ele surge e como nos livramos dele. Ele também não é alguma coisa sólida, por mais caro que isso pareça a nós, por mais que pareça ser real e sólido, que pareça estar nesse lugar e nesse tempo.

(audio 10min.)

Depois estenderei isso para trabalhar o que surge ao redor, depois o observador daquilo, a natureza vajra do que está ao redor e a natureza vajra do observador, e a mandala em que tudo isso está. Então, são três aspectos: objeto, observador e a Mandala. Vamos trabalhar isso como inseparáveis num item seis que tratará de meditação sobre a identidade. Seria o aspecto de dupla realidade sobre a própria identidade, o surgimento e a cessação de existência. Isso equivaleria à clara luz mãe e clara luz filho.

Roteiro

1. Mandala Última

Esse é um roteiro de meditação que está dentro da perspectiva de Atiyoga, não está na perspectiva, por exemplo, do Mahayana Sutrayana que é algo mais filosófico. Aqui é assim: **olhe e veja!** É introduzido através de exemplos e não de raciocínios.

*Abra os olhos devagar e veja
A realidade Vajra inteira diante de você*

Por que eu digo “devagar”? Devagar significa de modo não forçado, de modo não condicionado. Simplesmente abra os olhos devagar sem nenhuma afetação, sem nada especial. Olhamos de modo natural.

Respire devagar, sem esforço

Isso significa nenhuma afetação, nada especial, nada artificial, simplesmente respire normalmente, sem esforço.

Nada a ser sustentado,

Não é preciso sustentar alguma coisa para a realidade vajra aparecer. Ela está aí!

Nada a ser criado ou visto,

Aqui, “visto” está no sentido de artificialmente criado, produzido como uma visualização.

*Naturalmente presente
Apenas veja, suavemente.*

Não interfira, não tente mudar nada. Só olhe.

*Quando se perder,
É na realidade Vajra que estará
Não há dois lugares,
Apenas esse.
Sem esforço,
Mandala natural. Veja!*

Quando perder o foco, onde você estará? Estará no meio de um sonho. O sonho também é vajra. Não há como escapar. Sem esforço porque não precisamos criar alguma coisa, aquilo já está ali. Quando nos perdermos também está ali. Então, fazer esforço para quê? O ponto último é sem esforço. Esse é um ponto muito importante. Enquanto há caminho, há esforço, mas aqui não há mais caminho. Mandala natural. Natural no sentido de que não há nada construído, está ali.

Corpo, energia, mente

*Paisagem, Mandala, céu
Natureza Vajra tudo abarca
Sem esforço
Sem tempo
Não é necessário obter algo,
Nem fixar-se. Veja!*

Aqui há alguns elementos de meditação. Precisariamos ver que o corpo é vajra, a energia é vajra, a mente é vajra, a paisagem é vajra, a mandala é vajra, o céu é vajra. Não é uma meditação fabricada. Aqui diz respeito à realidade vajra. Agora, vou tratar de como ficamos presos, vamos um pouquinho adiante. Nós estávamos olhando objetos, agora vamos olhar o movimento dentro do mundo.

*O deslocar-se causal
Por dentro da presença Vajra
Torna existente
O que é apenas Vajra
Contemple isso.*

Considero esse ponto de grande importância, gostaria que vocês ficassem atentos a isso. Porque o deslocar-se causal torna real o que é apenas vajra, torna sólido o que é apenas vajra. Por exemplo, podemos olhar para a mesa e reconhecer que ela é vajra, no sentido de que é uma madeira, foi feita na marcenaria, alguém esculpiu e foi trabalhando, juntando as peças e, de repente, temos a mesa. Mas entre as peças e a mesa tem um estalo. Isso é o aspecto vajra que foi agregado àquelas peças e virou a mesa. O Buda dá o exemplo do açougueiro que leva a vaca até uma árvore, amarra, mata e pendura os pedaços para vender. Ele leva a vaca, mas depois ele não tem mais vaca. Ele tem pedaços de carne. Se juntasse aquilo tudo viraria a vaca de novo. Mas ele não tem mais a percepção de vaca.

Outro exemplo: pegam-se rodas, varas, chapas e faz-se uma carreta. Mas não há roda de carreta, vara de carreta, chapa de carreta. Pegamos cada uma das peças e nenhuma delas é carreta. Depois juntamos tudo e num estalo temos a carreta. A carreta, nesse sentido, é vajra. Vemos mais do que está ali. Agora voltemos à mesa. Digo mesa, depois digo mesa do monge Gabriel. A coisa vajra só vai crescendo. Quando chamamos isso de mesa, nós a colocamos aqui e começamos usá-la como mesa. A mesa virou mesa mesmo! O aspecto de uso, o aspecto causal, dá o sentido de realidade. No caso, por exemplo, de uma montadora de automóveis, não é uma fábrica, é uma montadora. As peças vêm prontas, eles só juntam tudo aquilo. É um milagre. Eles juntam tudo aquilo e nós olhamos e vemos um carro. Entramos no carro, ligamos e saímos dirigindo. Então o aspecto causal dá toda a solidez. Esse ponto é muito importante. Precisariamos ver como o aspecto causal dá realidade àquilo que estamos vivendo, ao mundo de Samsara.

Quando olhamos uma cadeira podemos pensar que ela é vajra. Temos, então, uma liberdade com relação a ela. Mas quando começamos a usá-la de modo causal, congelamos aquela forma e passamos a usá-la como um bloco numa montagem. Esse congelar está automatizado dentro da noção de causalidade. Dentro dessa noção de causalidade nós congelamos pessoas, os objetos, o clima, o dia. Congelamos algo e logo temos as frustrações correspondentes. Uma vez que todas as coisas são vajra, elas podem tomar qualquer rumo, não são fixas.

*O deslocar-se causal
É o deslocar-se Vajra
Não há como perder-se
Ainda assim surge um mundo
Com significado causal;
Fixados a isso
Operamos a realidade Vajra
E não vemos seus atributos completos,
E perdemos a capacidade de ver Vajra.*

A forma causal é a forma vajra. Operamos a realidade vajra e não vemos seus atributos completos. Olhamos para as coisas e não vemos os seus atributos completos, vemos uma face. Olhamos para a mesa e não vemos outra coisa. Vemos a mesa e nos relacionamos com a mesa. Operamos a realidade vajra, o aspecto criado, e não vemos seus atributos completos. Assim, perdemos a capacidade de ver vajra e passamos a ver causalidade.

*Nem um, nem outro
Nem entre ou meio
Natureza Primordial – Guru Absoluto
Mãe do Samsara Vajra
Mãe do Nirvana Vajra
Nada a fazer...
Não perca o espetáculo!*

Um e outro quer dizer: não é que aquilo exista ou não exista. E também não é o meio termo entre existência e não existência. O que temos é a Natureza Primordial dando surgimento às coisas. Esse é o Guru Absoluto. Como estamos vendo o aspecto vajra, agora estou chamando a atenção para o aspecto que cria a aparência vajra, que é o Guru Absoluto. Estamos contemplando outra coisa. Nem a coisa existe, nem deixa de existir, mas também não é uma coisa pelo meio, entre existência e não existência. O que se dá está em outra direção, em outra categoria. O que temos é a Natureza Primordial, o Guru Absoluto que produz a aparência que as coisas vajra assumem. Isso aqui é muito importante! **O ponto final da Visão é o Guru Absoluto.**

Mesmo a natureza vajra é um caminho para que possamos falar sobre o Guru Absoluto. E o que é o Guru Absoluto? Ele é a mãe de Samsara. O Samsara é essencialmente o surgimento da natureza vajra, congelamos as aparências e operamos de modo causal. Isso é o Samsara: ficar preso aos roteiros causais. Ele é a mãe do Samsara, aqui é o Samsara vajra. O Samsara é vajra. Também é mãe do Nirvana, que seria o aspecto puro, a compreensão pura dos próprios objetos. O Nirvana também é vajra. Nada a fazer. Uma vez que aquilo já está ali, não precisamos ter controle, levar algo pra lá ou pra cá. Não perca o espetáculo. Veja!

Esse é o aspecto de êxtase. Também é chamado de nuvens de oferendas de Samantabhadra, como está descrito na "Confissão Suprema": a compreensão da aparência enquanto manifestação do Guru Absoluto. Isso pode ajudar na compreensão da "Confissão Suprema", ela diz respeito a esse aspecto da Mandala Última. No final,

confessamos diante da Natureza Primordial e obtemos a absolvição da Natureza Primordial.

Esse aspecto da visão, que está descrito aqui, é um aspecto que nos mantém isolados ainda. Olhamos tudo e não temos a capacidade de intervenção no mundo, não temos nem motivação, não temos compaixão. Estamos dentro de um aspecto de pureza, na Mandala Absoluta. É por isso que do Buda Primordial, de Samantabadra, vista essa pureza, ao mesmo tempo se vê o sofrimento inútil dos seres. Então, desse encontro entre a pureza e o sofrimento inútil surge a Mandala do Lótus. É o que veremos agora.

2. Mandala do Lótus

Existe uma mandala, uma forma de estar no mundo com a motivação apropriada de trazer benefício a partir da compaixão. É como se estrutura a ação de Guru Rinpoche.

Hum!

Intenção iluminada de Guru Rinpoche

“Hum” é a sílaba que corresponde à intenção iluminada de Guru Rinpoche. Quando olhamos um objeto comum e dizemos “Hum”, então aparece o objeto vajra. Desenvolvemos a capacidade do olhar vajra a partir da sílaba “Hum”. Ela faz essa travessia da visão comum para a visão vajra.

Precisaríamos olhar isso com muito cuidado. Proponho que vocês contemplem isso. Vejam se aparece dentro de vocês essa intenção iluminada, porque esse seria o ponto da conexão com Guru Rinpoche. É como se fosse a transmissão. A transmissão de Guru Rinpoche é a transmissão da intenção iluminada, que não é só a sua lucidez, mas a sua energia de ação. Pode ser que dentro de nós brote essa energia de Bodisatva, que é olhar para as coisas e querer intervir de forma positiva. Isso, junto com a compreensão da natureza vajra e com os meios hábeis, é a intenção iluminada de Guru Rinpoche. Inclui a sabedoria transcendente também. A intenção iluminada substitui a responsividade. Quando alguma coisa aparece, nós temos um impulso, mas se acessarmos a Mandala do Lótus de Guru Rinpoche, quando as coisas acontecem nós temos a ação iluminada e não a responsividade.

Emanação da Intenção Iluminada de Kuntuzangpo

Intenção iluminada de Kuntuzangpo é o movimento da Natureza Primordial que produz o surgimento das coisas e a própria dissolução da ignorância.

Mãe da Terra Pura da Mandala do Lótus

Essa intenção iluminada de Guru Rinpoche, esse movimento de energia, essa lucidez, é a mãe da Terra Pura da Mandala do Lótus. É o lung, a essência lung que vai nos levar a olhar tudo como uma Terra Pura da Mandala do Lótus. Quando estamos olhando a motivação, olhamos os vários pontos. Quando a motivação está completa surge a Mandala do Lótus, porque vamos olhar com esses olhos e com essa habilidade em todas

as direções do Samsara. Aí surge a Mandala do Lótus. O que é, enfim, esse princípio ativo que transforma o que é comum na própria experiência da mandala? Isso é a intenção iluminada de Guru Rinpoche. Essa intenção iluminada é o lung, é a mãe da Terra Pura da Mandala do Lótus.

E MA HO!

Contemplamos isso, vemos esse surgimento extraordinário, como isso se dá.

E MA HO significa vocês pararem e não passarem adiante enquanto não surgir uma sensação de delícia, de ver isso efetivamente acontecer.

*Nem puro, nem impuro,
Mandala da compaixão*

Não podemos dizer que é pura porque ela diz respeito a coisas condicionadas, olha o mundo comum, e porque tem a visão do mundo comum não é pura. Mas a visão do mundo comum é uma visão pura e, então, não podemos dizer que é impura. Ela está limpando o mundo comum, portanto, não é impura. Mas para dizer que é pura, só o que for kuntuzangpo, nenhuma construção. Porém, aqui nós estamos atuando sobre as construções, acreditando nas construções, e então tomamos o princípio da compaixão. Como estamos tomando por base o Samsara, não podemos dizer que aquilo é completamente puro. É uma ação dentro do mundo de Samsara, dentro da lógica do Samsara, dentro da existência do Samsara. Mas é uma ação iluminada dentro de Samsara. Então vamos dizer que nem é puro, nem impuro. É a Mandala da Compaixão.

*Pela intenção iluminada de Guru Rinpoche
Cada elemento da Roda da Vida
Visto como gerado dos 12 elos
Transforma-se, dá origem
A um elemento puro da Mandala da compaixão*

Ao invés de falar “cada elemento do mundo” eu preferi falar “cada elemento da roda da vida” porque fica mais específico sobre o quê estamos tratando. Não é o mundo. Quando eu digo *mundo*, parece que é uma coisa externa. Mas não é mundo, a questão são os doze elos. A roda toda é gerada a partir dos 12 elos, e a roda é um software, não é o mundo.

Aí olhamos a ignorância, por exemplo, como a manifestação da liberdade natural de kuntuzangpo que dá origem, através de um processo de co-emergência, à experiência de objeto e observador: objeto à frente e um observador que olha o objeto. Nós olhamos um por um dos doze elos e todos eles se manifestam a partir da Natureza Primordial. Olhando desse modo, começamos a perceber como cada um dos doze elos, na medida em que os liberamos, transformam-se em método para liberar os seres do sofrimento, transformam-se em um elemento da Mandala do Lótus, a Mandala do Lótus no sentido da mandala da compaixão que vai ajudar os seres. Estudamos com cuidado cada um dos doze elos e os transformamos um a um em caminho para superar a própria experiência do Samsara. Por isso ele vira um elemento puro na Mandala da Compaixão.

*Obstrutores se tornam
Protetores do Dharma*

Os obstrutores se transformam nos protetores do Dharma. É como o exemplo do cubo. Temos os riscos e aí aparece o cubo. Aquilo é a própria delusão. Mas agora, nós tomamos a delusão e a entendemos de modo profundo e passamos a usá-la como aquilo que nos ajuda a entender como a delusão ocorre. Então os obstrutores transformam-se em protetores do Dharma.

Demônios em servos obedientes

Os demônios seriam as emoções perturbadoras. Olhamos as emoções perturbadoras e vemos o aspecto vajra. Elas também se transformam, a partir do seu lung, em agentes do próprio Dharma. Porque as emoções perturbadoras estão dentro do mundo e elas são uma linguagem no mundo das pessoas. Aí quando estivermos no mundo, junto com as pessoas, olharemos para essas manifestações dos seis reinos e dialogaremos com elas dentro da dimensão de lucidez. Então, elas terminam sendo usadas de forma positiva, no Dharma.

Emaho!

Aqui Guru Rinpoche está em meio ao mundo, em meio ao mundo dos 12 elos, dos obstrutores e dos demônios. Está no meio disso, mas vai usar esse conteúdo para manifestar o Dharma. Guru Rinpoche não vai primeiro remover todos os obstrutores, todos os demônios, os 12 elos para, então, manifestar o Dharma. Ele manifesta o Dharma dentro daquilo.

*Manter a visão
É reconhecer a Mandala Natural
Emanando Samsara e a Mandala do Lótus
Ver em cada manifestação 12 elos
Manifestação da Mandala
Cada ser do Samsara
Elemento indispensável
Componente integrante da Mandala
Constituinte concreto da Terra Pura*

Se olharmos algum ser e dissermos: esse aqui não quero nem ver, esse não está na Mandala. Se dissermos isso há uma falha. Não tem um ser, um grão, nada, que ao ser olhado não o vejamos dentro da Mandala. Precisamos fazer esse trabalho. Essa é a meditação. Elemento indispensável, ele tem uma integração no meio do Samsara, portanto, ele tem uma integração natural dentro da Mandala.

*O natural encontro
Da Mandala Natural de Kuntuzangpo,
Da Mandala do Lótus de Guru Rinpoche
Das infinitas paisagens e mundos dos 12 elos,
Todas vivas, dialogando entre si,
Indispensáveis simultaneamente,
Isso é a visão.*

Reconheça que da Mandala Natural de Kuntuzangpo brota o Samsara. Do Samsara e da Mandala Natural de Kuntuzangpo brota a Mandala do Lótus para endireitar o Samsara. É a manifestação da própria Mandala Natural. Não há nada que não seja Mandala Natural. Mas a compreensão dos elementos de Samsara como manifestação da Mandala Natural se dá a partir da Mandala do Lótus. A Mandala do Lótus é o agente para isso se reequilibrar.

*Meditação é manter isso
Em todas as aparências 12 elos
Recolectando e purificando Alayavijnana*

Essa palavra recolectando não é muito comum, mas ela existe. Recolectar significa acessar as memórias de algo. Vamos até Alayavijnana, o tal depósito, e começamos a visitar pedaço por pedaço purificando-o através da meditação. O que é a meditação? É a compreensão daquele pedaço como manifestação da Natureza Primordial, da Mandala de Kuntuzangpo. É isso o que faremos, essa é a nossa missão.

Então, no primeiro item há a Mandala Última. A Mandala última é visão. Não perca o espetáculo! Visão. No segundo, temos o princípio de ação da Mandala do Lótus, o processo purificador que nos levará de volta à Mandala Absoluta. É o caminho. A Mandala do Lótus é o caminho. A Mandala Absoluta não é o caminho, ela já está lá. Mandala do Lótus faz a repescagem, nos pega no Samsara e nos leva. Como é que ela nos leva? Purificando Alayavijnana: transformando os demônios em servos, obstrutores em protetores, cada elemento da roda da vida, dos doze elos, em um elemento da Mandala da Compaixão, fazendo tudo isso girar. É um trabalho. A tudo isso chamaremos de meditação, é Samapati, o aspecto Mahaiana Tantraiana.

Qual é a diferença entre Tantraiana, Mahaiana Sutraiana e Caminho do Ouvinte? No caminho do ouvinte, evitamos tudo o que pode parecer samsara, é como se não tivessémos poder. Nós vemos algo e já saímos pela tangente, criamos um ambiente dentro do Samsara onde nos recolhemos. Criamos muros e ficamos rezando na esperança de que os demônios não entrem. No Mahaiana Sutraiana, estudamos os demônios, estudamos tudo, mas quando eles aparecem não temos força. É como o que ocorreu com kenpo Shantirakshita quando ele estava no Tibete construindo um mosteiro e os obstrutores apareceram e ele não teve poder. Isso seria o Mahaiana Sutraiana. Aí ele chama Guru Rinpoche que representa a visão Tantraiana. O símbolo perfeito disso é a manifestação de Guru Rinpoche como Dorje Drolo, na sua aparência mais horrível, chamado de devorador de demônios, porque enquanto no Caminho do Ouvinte foge-se dos demônios, no caminho Tantraiana os demônios só irão engordar Dorje Drolo. Não há chance para os demônios.

Essencialmente Dorje Drolo é o Prajnaparamita. Quando vêm os obstrutores, vêm os enganos, e Prajnaparamita corta. Prajnaparamita só se reforça no encontro com as coisas assustadoras ou sedutoras, que são, enfim, a mesma coisa. O Prajanaparamita ultrapassa o que aparecer. O Tantraiana trabalha na aparência como ela está, não muda a aparência. Por isso nós vamos trabalhar na aparência dos doze elos e no Alayavijnana inteiro. Isso aqui é alguma coisa em princípio longa. Na história do Buda diz-se que ele lembrou todas as vidas passadas. Aqui, na verdade, nem é a vida dele, ele olha Alayavijnana inteiro. Quando purifica Alayavijnana ele tem meios para ajudar os seres. A

flor de lótus se torna completa, com todas as pétalas, com todos os aspectos que permitem a ação de liberação. Aí vem, então, a ação.

3. Ação

*Ação é o milagre
Do movimento condicionado
Dentro da Mandala do Lótus.*

Esse é um ponto bem especial. Como é possível manter a lucidez em meio ao movimento condicionado? Essa é a questão. Se não sabemos fazer isso não há como exercer a ação, porque se ao exercermos a ação, ela for condicionada, então já nos perdemos, já estamos na mandala da ação condicionada. Como é que ao pegarmos essa mesa, por exemplo, nós a usamos como mesa mantendo a visão vajra de que ela também não é mesa? Como nos relacionamos com as coisas mantendo a visão vajra de que as coisas não têm a solidez que parecem ter? Mantendo a liberdade da visão da Mandala de Kuntuzangpo.

Como é lidar com os objetos de modo causal, dentro da Mandala do Lótus, sem perder a compaixão e sem ficar preso ao sentido comum? O nosso trabalho dentro do CEBB, por exemplo, pode virar materialismo espiritual. Nós nos aferramos àquilo e olhando as outras entidades, guerreamos com elas. Isso seria um problema. Até mesmo virar budista pode ser um problema. S.S. o Dalai Lama tem cuidado disso. Estamos buscando lucidez e não a construção de alguma coisa. Então, nossa ação em meio ao mundo não deveria nos entrincheirar, nos fazer ficar presos aos aspectos causais, indexar identidades e ficar presos.

*Seu segredo é sustentar a visão
Sempre ver 12 elos e a Mandala Natural
Sorrir*

Ação, o terceiro aspecto, é o milagre do movimento condicionado, mas dentro da mandala, sem perder a mandala. Nós mantemos a mandala e nos deslocamos. Seu segredo é sustentar a visão. Sustentar a visão é sempre ver os 12 elos e a Mandala Natural como inseparáveis. E sorrir.

*Converter cada elemento 12 elos,
Dar nascimento,
E acioná-lo causal e não-causalmente
Ambos,
Para benefício dos seres
É penetração da visão em todos os âmbitos de 12 elos
Essa penetração é a verdadeira compaixão
Ação Iluminada de Guru Rinpoche.*

Aqui surgem as histórias dos Mahasidas como, por exemplo, Marpa. Quando morre o filho de Marpa, ele chora ou não chora? Ele pode chorar ou pode não chorar. A resposta é que Marpa chora. Isso é narrado por Patrul Rinpoche no livro *Palavras do Meu Professor*

Perfeito: o choro de Marpa. Como entender isso? Como entender o choro de Marpa? Esse é um ponto muito interessante. Significa que ele se move de modo causal e, no entanto, ele está na Mandala. Ele chora porque o filho dele tinha muito talento. Ele diz para o filho: não pegue aquele cavalo! Mas o filho, que era um adolescente, pega o cavalo, o cavalo o derruba, ele bate com a cabeça e morre. Se Marpa tivesse medo do Samsara ele não choraria. Mas ele viu que o filho era muito talentoso, que traria a liberação para muitos seres. Isso produziu esse choro causal, ele se movimentou dentro da causalidade e chorou. Mas dentro do choro dele tinha lucidez. É como Guru Rinpoche que não tem medo de entrar nas coisas mais complicadas. Isso é uma realização, na verdade, de Marpa, poder chorar.

*Veja os 12 elos com olhos da Mandala do Lótus,
Emaho!*

Essa é a base da ação. Vendo os doze elos com os olhos da Mandala do Lótus, o mundo faz sentido e se move perfeito.

*O mundo faz sentido e se move perfeito!
As qualidades e a felicidade são possíveis.
Construa-se com seus papéis aí
Veja cada ser aí*

As qualidades e a felicidade são possíveis. Então vem essa meditação.

*Construa-se com seus papéis aí
Veja cada ser aí*

Cada um de nós tem um papel dentro do mundo. Veja seu papel a partir da Mandala do Lótus. É crucial isso!

*Veja os 12 elos e a Mandala do Lótus com olhos da Mandala Absoluta Natural
Emaho!*

Antes era assim: veja os 12 elos com os olhos da Mandala do Lótus. Agora é: veja os 12 elos e a Mandala do Lótus com os olhos do céu, da Mandala Absoluta, Natural.

Essa Mandala Absoluta emana as duas outras. Quando olhamos tudo isso dentro da Mandala Absoluta Natural o que vemos? O céu acima não tem marcas, nem mandala, nem 12 elos. Agora una esses três mundos, veja a inseparatividade deles: Mandala Absoluta Natural, Mandala do Lótus e roda dos 12 elos. Inseparáveis. A manifestação disso tudo se dá a partir da intenção iluminada de Kuntuzangpo, o Buda primordial. Ele emana tudo isso.

*Sorria!
Mova-se sem pressa
Céu acima
Intenção Iluminada de Guru Rinpoche viva, pulsando
Roda dos 12 elos – jardim.
Emaho!*

A intenção iluminada de Guru Rinpoche viva, pulsando, para benefício dos seres. Roda dos 12 elos, que é o jardim onde a intenção iluminada de Guru Rinpoche opera. Esse é o mundo aonde nós vamos nos movimentar.

Ação vitoriosa, impossível detê-la!

O aspecto iluminador é impossível de deter. Uma vez que as construções são todas artificiais e impermanentes, a lucidez vai penetrar nisso, não há outra possibilidade. Além do mais, mesmo que Samsara se expanda, ele não consegue obstaculizar a lucidez. Não há como. Samsara é um conjunto de construções artificiais, ele não tem como derrubar a Mandala Natural, não há a menor chance. Então essa ação é vitoriosa, impossível detê-la, ela constantemente rói o Samsara.

4. Moralidade

Como manteremos o controle de qualidade? Como perceberemos se aquilo está andando bem ou não? Através da Moralidade.

*Perfeição de ética e moralidade
É mover-se apenas na Mandala!*

No Caminho do Ouvinte ética e moralidade é estabelecermos algum tipo de regra. Mas em essência, a única regra verdadeira é a lucidez. E lucidez é mover-se apenas na Mandala.

*Não descuidem disso!
Veja!
Proteja isso como seus olhos
Proteja como a sua pele*

Porque se houver um rompimento da visão da Mandala, o que acontece conosco? Imediatamente dói. Não é o Samsara que produz a dor, é a perda da Mandala. Perder a Mandala dói. Se recuperamos a Mandala, imediatamente passa a dor. Não precisa alterar nada do que está acontecendo, simplesmente recupere a mandala. Então, proteja isso como você protege seus olhos. O menor cisco dói e a menor falha dentro da Mandala já traz o efeito correspondente. Proteja como você protege a sua pele, é a mesma coisa. Proteja desse modo.

*Medite, construa, dê nascimento,
Sustente, viva dentro
Da Mandala!
Emaho!*

Esse é o controle de qualidade: moralidade.

5. Observador Vajra

O item cinco - observador vajra - na verdade, já é uma extensão dos itens anteriores.

*Abra os olhos devagar
Tudo ao redor manifesta significado
Produz impulsos
Cerre os olhos, lentamente.*

Essa primeira parte seria o samsara.

*Abra os olhos devagar
Natureza vajra viva, atuando
Cerre os olhos lentamente*

Abrimos os olhos e vemos samsara, abrimos novamente e vemos natureza vajra. Vamos alternando isso: ora vemos samsara, ora vemos natureza vajra.

Vocês podem fazer isso várias vezes.

*A operação dos olhos
Produz a sensação de alguém atrás dos olhos*

Ainda não tínhamos tratado disso. Está certo que dentro dos 12 elos, de algum modo, isso está presente: no décimo elo, bhava, surge alguém e também a consciência, o terceiro elo, vijinana, surge desse modo. Mas é importante que foquemos especificamente isso, como aqui, por exemplo, nesse momento, em que abrimos os olhos e vemos tudo ao redor. Nós estamos aqui. Então, o fato de que estamos vendo produz a sensação de alguém atrás dos olhos. Esse alguém está em um lugar, no espaço e tempo.

*Produz a sensação do objeto diante dos olhos
Veja a natureza vajra do surgimento dos objetos*

Veja a natureza vajra do surgimento dos objetos. Estamos dentro da sala e parece que a sala é natural. Parece que vemos a sala com os olhos, parece que vemos o templo com os olhos. Mas esse surgimento é vajra, o templo é vajra. Aqui só tem pedras. Nós começamos a viver nesse mundo de sonhos. E esse mundo de sonho surge por co-emergência. Nós precisamos de um observador de sonho que produza essa experiência de sonho que é o próprio templo. Se tivermos outro tipo de observador, já não veremos o templo. Assim, percebemos que não é qualquer observador, esse observador que vê o templo não é os olhos, é alguma coisa sutil que está vendo o templo. Os olhos vêem os riscos, o observador vajra vê o cubo. Nós podemos ver os riscos e não vemos o cubo. Os olhos podem produzir, no máximo, os riscos. Mas esse aspecto sutil produz a sala. A natureza vajra, o observador vajra vê a sala. Assim, percebemos a natureza vajra do surgimento dos objetos.

*Os objetos são vajra, não estão nos próprios objetos.
Não têm localização e nem tempo.*

Nós vemos o cubo e daqui a um ano vemos o mesmo cubo em outros riscos porque é um cubo vajra. Para o cubo vajra o tempo não passa.

Agora veja a natureza vajra do surgimento do observador.

Natureza primordial ganha forma

Surge magicamente e fica presa aos objetos construídos.

Agora, nesse momento, estamos aqui, nesta sala. Mas aí eu penso na geladeira da minha casa e imediatamente estou diante dela. Abrindo a geladeira, vejo que há dois potinhos de iogurte na porta, faltando limão na gaveta debaixo, e assim vou olhando tudo. Ao fazer isso, onde eu estou? Estou aqui ou estou lá na minha casa? Então vemos que esse observador vajra é livre. Por causa da nossa atenção aos olhos, temos a sensação de estarmos aqui. Mas na verdade esse observador vajra está onde está a mente. Temos a sensação de estarmos aqui porque agora nossa mente está aqui. Mas vamos supor que nesse momento eu olhe o Henrique brincando com o fogo na fogueira onde o Seu Everton está queimando muitos galhos. O Henrique vem e cai por cima da fogueira. Como ele sairá do meio do fogo? Quantos acidentes desse tipo? Isso é um perigo!

Na verdade, o que eu estou fazendo aqui, é um exercício de estar fora da sala. É isso que eu estava fazendo, estava brincando. Como é que nós podemos sair da sala e ter emoção, ter causalidade, acionar coisas? Isso é possível porque o observador não está em um local físico. Ele está onde está a consciência, onde está o foco da atenção. Esse é o ponto.

Mas aí nós voltamos à sala e temos toda a sensação de estarmos aqui dentro. Por quê? Porque o foco da atenção se dá aqui pelos sentidos: olhos, ouvidos, nariz, tato. Agora, se fecharmos os olhos e escutarmos um ruído, nós nos deslocamos facilmente para a região onde está o ruído. E nós estamos onde? Então a mente também não tem posição, ela pode adotar posições, mas ela não tem localização, ela é livre. Ela não só é livre no espaço e tempo, como ela é livre em planos, porque quando dormimos a mente também se desloca. Essa atenção discriminativa segue gerando objetos e onde ela gera esses objetos? No espaço básico, não é no espaço geográfico. É um espaço abstrato, no espaço onde avídia surge. Não há localização, ainda que pelo aspecto causal vejamos tudo como se tivesse localização.

Então precisamos recuar e ver esse observador cósmico, esse observador vajra, sem localização. Precisamos olhar esse observador e ver a natureza vajra do surgimento do observador. Ver essa natureza livre que pode manifestar avídia através dos 12 elos. Quando ela manifesta avídia, surge o objeto e surge o observador. Onde quer que seja se aqui vemos um objeto, surgimos como esse observador aqui. Se estivermos olhando a fogueira lá fora, surgiremos como observador lá. Se estivermos dentro do sonho, surgiremos como o observador dentro do sonho. Os objetos é que dão a sensação de existência, a paisagem dá a sensação de existência, a mandala dá a sensação de existência do observador. Com essa compreensão estamos dissolvendo o restinho do que sobrava da sensação de estarmos em algum lugar por sermos um observador.

Quando entendemos que o próprio observador é livre, que ele pode dar surgimento aos aspectos vajra, nós ainda temos uma sensação de identidade. Parece que a vacuidade é

nossa. Quando entendemos que esse aspecto de localização também não tem sentido, ultrapassamos a noção de uma existência e desse modo nos fundimos com a noção de Kuntuzangpo. Quando temos uma noção de liberdade própria, absoluta, isso é a clara luz filha. Quando nós entendemos essa clara luz filha como inseparável de Kuntuzangpo, isso é a clara luz mãe. Na verdade temos a clara luz mãe que gera a clara luz filha, que tem essa sensação de estar em algum lugar, mesmo livre. Nós estamos sentados aqui nesse lugar com a mente lúcida, livre, descondicionada, na presença: clara luz filha. Mas a presença na verdade é inseparável do céu, da clara luz mãe.

A natureza vajra produz o observador como a natureza primordial surgindo através de coisas particulares e ganhando forma, ganhando posição no espaço e tempo. Surge magicamente e pode ficar presa aos objetos construídos, olhando para eles. Através da co-emergência pode ficar presa. Isso dá origem à causalidade e ao samsara. Contemplamos, então, a dissolução disso. Mas a dissolução não é um esforço contrário, é o reconhecimento do aspecto vajra.

Depois disso, nós contemplamos como que os objetos surgem e também o surgimento do observador - que é vajra e não um observador preso. Reconhecemos que o observador está dentro da mandala ampla, mandala natural, e como que a mandala natural se exerce produzindo aquele observador e a aparência comum do mundo à frente. Tudo isso inseparável, sem nenhuma degradação. A própria aparência comum já é uma manifestação de Kuntuzangpo, há uma perfeição. A compreensão desses três aspectos também é a sabedoria de Vajrasatva, de Vajradara, de Mahamudra, isso é a grande e natural perfeição, a grande natural pureza, Kadak, expressão de Vajrasatva. É a essência de Atiyoga: não mexa em nada, isso já está puro.

A perda da pureza é a limitação da visão, a perda da visão vajra. Começamos a nos movimentar de modo causal e passamos a ver só algumas características, as características que nos importam para fechar o jogo causal que estivermos sustentando. Por exemplo, quando vamos jogar xadrez não importa se as peças são de marfim, de metal, de madeira ou de plástico. Nós vemos sempre a rainha, o rei, o peão. E como é que isso não importa se são aspectos tão diferentes? Não importa, porque estamos jogando o aspecto vajra. Independentemente se é de metal, madeira ou plástico, aquilo é a mesma peça do jogo. O jogo é vajra. Nós vemos só certa característica, não vemos de forma abrangente. Vemos só aquilo que se encaixa no jogo. Isso é o samsara. Há uma paisagem e nós só vemos aquilo que se encaixa na paisagem. E ao cairmos de pára-quedas nos nossos mundos afetivos, é a mesma coisa, nos olhamos uns aos outros dentro de jogos. Não vemos o outro, não vemos se é marfim, metal, madeira ou plástico. Vemos apenas se se encaixa no nosso jogo. Se encaixar funciona, se não se encaixar nem entendemos o outro, nem vemos o outro. Isso é samsara. Aí nós olhamos para a natureza com olhos que vão encaixando todas as coisas dentro de um jogo. Não conseguimos olhar o que quer que seja dentro da própria natureza como ela é. Não conseguimos entender os outros seres nos seus mundos.

Mas aí vem Guru Rinpoche. A Mandala do Lótus entende os seres nos seus mundos. Entende os sofrimentos e como a prisão produz todos os tipos de dificuldades. Ele tem a intenção iluminada de resolver isso, por incrível que pareça. Mesmo que apareça Guru Rinpoche querendo resolver isso, se nos afastarmos um pouco e olharmos novamente,

veremos que todo esse mundo de sofrimento é uma pequena bolha no meio de uma vastidão. É incrível que os Budas tenham gerado atenção para os seres que estão vivendo coisas tão particulares como as nossas. A Biosfera e seus seres é um caso muito particular. Por incrível que pareça esse “Portal de Luz” se abriu para podermos cruzar em direção à liberação. Nós somos seres muito estranhos, dentro de um mundo muito estranho, muito particular, muito pequeno. Nesse mundo, apareceu um Buda em corpo humano, um verdadeiro escândalo, uma degradação. Ele pede: por favor, não tirem fotos, não conte para a mamãe do espaço básico, isso é uma vergonha! (risos)

Mas se olharmos esse conteúdo todo - visão, meditação, ação, moralidade, observador vajra - isso tudo nos conduzirá à introdução do aspecto da presença. Nós purificamos também a noção de presença, a presença mágica do observador além do observador. Veremos se há essa liberdade original quando estamos parados. Veremos se há liberdade original quando estamos em movimento.

Depois disso iremos para os cinco lungs, e depois para os cinco Diani Budas. Vamos começar a trabalhar o surgimento dentro da Mandala do Lótus. Vamos ver como se dá esse surgimento, como vemos a energia circulando, como faremos a nossa energia circular dentro dessa mandala, em vez de circular pela responsividade, pelo samsara. Vamos ver também como faremos nossa energia operar com o lung das cinco sabedorias dos cinco Diani Budas.

Então aqui, a noção vajra corre paralela ao Prajnaparamita e à própria noção de presença nos 21 itens. Eu acho que essa abordagem é mais lúdica do que entrar direto pelo Prajnaparamita. Se entendermos esse ponto, mesmo a explicação que dei agora, eu acredito que quando vocês entrarem pelos Cinco Skandas dirão: bom, forma é vajra, sensação é vajra. Aquilo vai ficando mais fácil. Vamos trabalhando co-emergência e o aspecto vajra fica melhor, fica mais fácil entender o Prajnaparamita.

Aspecto Sutil

No samsara damos solidez aos objetos. Quando vamos trabalhar a vacuidade, vamos retirar essa solidez. Quando trabalhamos com luminosidade, em vez de retirar a solidez, vemos como a solidez aparece, como que aquela solidez parece verdadeira. Quando vamos trabalhar com a noção vajra, não só vemos como aquilo aparece, mas como aquilo atua e é vivo. Isso é muito importante. A noção vajra dá o sentindo de vida para aquele objeto. Por exemplo, quando olhamos para almofada não precisamos dizer: isso é pano e palha de arroz dentro, nada mais do que isso. Nós destruimos a almofada. E tampouco vamos nos limitar a dizer: pela luminosidade da mente surge uma almofada. Reconhecer o aspecto vajra da almofada significa que nós a pegamos, sentamos sobre ela e a usamos alegremente, tem um aspecto dinâmico nisso, um movimento.

Nós precisamos desse aspecto para poder entrar no samsara de forma dinâmica, sem se perder. Nós vamos usar a almofada, mas não se perdemos. Quando falamos de natureza vajra já estamos pegando todos os aspectos – vacuidade, luminosidade e co-emergência – e simplificando em apenas uma expressão.

Instrução para a Prática

Há muitos pontos diferentes para olhar no texto. Ler sempre que puder. Antes de dormir leiam e digam: Guru Rinpoche olhe agora, luz na minha cabeça. Isso funciona! Durante a prática vocês abreviem: motivação, shamata impura e pura, metabavana: tudo em quinze minutos. Afinal, motivação vocês não perdem mais. Shamata impura e pura estão perfeitas: vocês estão retos, energia fluindo; Metabavana é o tempo todo! Então vocês mergulhem nisso: abram os olhos e vejam. Mas na verdade, cada um vai fazer como se sentir melhor. Talvez seja o caso de estender mais a prática de shamata impura e shamata pura, pois elas são a base para isso. Quando vocês sentirem que está na hora de mergulhar nesse roteiro, então mergulhem. Esse é o ponto principal.



Ensinaamentos transcritos e editados por Francine Machado, e revisados por Márcia Baja.